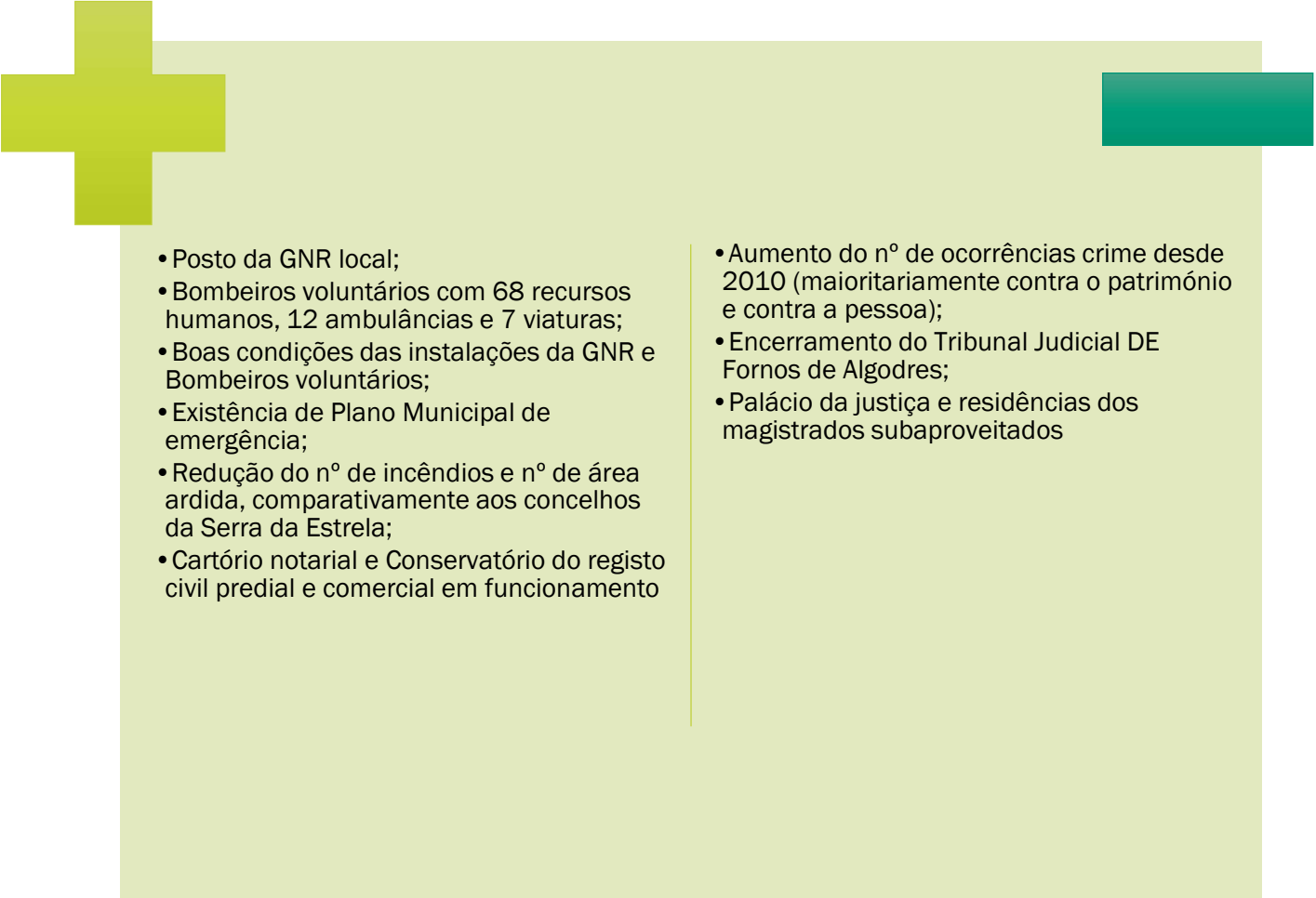


Balanço final – Justiça e Segurança

- 
- Posto da GNR local;
 - Bombeiros voluntários com 68 recursos humanos, 12 ambulâncias e 7 viaturas;
 - Boas condições das instalações da GNR e Bombeiros voluntários;
 - Existência de Plano Municipal de emergência;
 - Redução do nº de incêndios e nº de área ardida, comparativamente aos concelhos da Serra da Estrela;
 - Cartório notarial e Conservatório do registo civil predial e comercial em funcionamento
- Aumento do nº de ocorrências crime desde 2010 (maioritariamente contra o património e contra a pessoa);
 - Encerramento do Tribunal Judicial DE Fornos de Algodres;
 - Palácio da justiça e residências dos magistrados subaproveitados

Capítulo IX

– Meio Ambiente e Turismo

Conteúdo

Património Natural

Fauna e Flora de Fornos de Algodres

Áreas de maior biodiversidade floral

Património Histórico e Arqueológico

Património histórico

Património arqueológico

Património edificado

Roteiro arqueológico de Fornos de Algodres

Posto de Turismo

Alojamento/Unidades Hoteleiras

Artesanato

Artesanato Regional

Quadro Resumo

Balanço final



Património Natural

Fauna e Flora de Fornos de Algodres

Fornos de Algodres encontra-se situado entre a Serra da Esgalhada e o Vale do Mondego, terminando às portas da Serra da Estrela, o que lhe confere um **património natural, rico e diversificado**. A caracterização sumária da fauna, flora, solos e outros recursos naturais, que são descritos em seguida, foram cedidos pelo PDM de 2015 com recurso a cartografia temática de base, disponível para o município, e o trabalho de campo realizado por todo o território concelhio.

O território do Concelho de Fornos de Algodres apresenta três elementos que foram, há muitos anos atrás, determinantes para a ocupação humana. Um dos elementos essenciais é o **Rio Mondego** como principal afluente hidrográfico, um outro é a paisagem de múltiplos contrastes entre planícies e relevos, que lhe confere grandes variações altimétricas e vales encaixados de vertentes bastante declivosas. A altitude máxima atingida no território é de 916 metros, no limite norte do município, e a altitude mínima é de 310 metros, no vale do Rio Mondego. **A irregularidade de relevo** resulta em encostas marcadamente mais quentes (49%), viradas a sul e poente, e encostas mais frias (15%) a norte, e outras sem exposição característica (16%).

O conhecimento geológico do território, além do relevo, **o solo representa uma característica de permanência e de forte influência para a restante fauna e flora viva.** O Município de Fornos de Algodres é, **do ponto de vista geológico, constituído essencialmente por formações de origem granítica** (92,72% da área do município), com pequenas manchas, a norte, de formações xistosas e quartzíticas. Este facto justifica a presença de afloramentos rochosos graníticos, como fragas, rochedos e penhascos, na paisagem desta região. Ao longo das principais linhas de água, verificam-se pequenas formações aluvionares atuais e depósitos de fundo de vale. Um pouco por todo o território, surgem, ainda, pequenos filões aplito-pegmatíticos, de quartzo e doleritos.

A particularidade geológica da região, marcadamente granítica, estimulou o licenciamento de explorações de três pedreiras de granito. Duas das pedreiras destinam-se à construção civil e uma a ornamentos. Estas ocupam uma área total

de 55,56 hectares, sendo de 37,60 hectares a área inserida no município de Município de Fornos de Algodres.

Relativamente à **rede hidrográfica de Fornos de Algodres esta apresenta-se, de um modo geral pouco densa. O rio Mondego, como já foi referido, é o elemento hidrográfico mais significativo. Este rio tem nascente próxima da Serra da Estrela e desagua junto à Figueira da Foz, percorre cerca de 234km² e ocupa uma área de 664 Km². Este rio percorre o Município de Fornos de Algodres de Este para Oeste em vale bastante encaixado, numa extensão de cerca de 17 Km. A norte do Mondego, destacam-se as Ribeiras de Carapito, Muxagata e Cortiçô. A primeira corre para o Rio Dão e as duas outras, com um desenvolvimento sul-norte, correm diretamente para o Mondego. A sul do Mondego destaca-se a Ribeira de Linhares, com um desenvolvimento de nascente para poente, entroncando no Rio Mondego, já fora do território de Fornos de Algodres.**

Em todo o território é possível a distinção de diferentes habitats: florestas e matas, matos, prados, zonas húmidas, áreas rochosas, zonas artificiais (terra arada e plantações florestais) e vegetação exótica (acácias). Consoante os diferentes tipos de habitats e época do ano, também diferentes espécies animais podem ser observadas. Assim, **e de acordo com pesquisa bibliográfica e com amostragens de campo nos diferentes biótopos mais representativos do concelho, foram identificadas diferentes espécies,** algumas das quais serão seguidamente referenciadas. Dada a proximidade com a Serra da Estrela, este território é povoado principalmente por **aves** de montanha, desde espécies nidificantes, visitantes de Inverno, até às que se encontram apenas de passagem. **Os anfíbios mais comuns do território são as rãs e salamandras,** animais ectotérmicos que passam por períodos de hibernação ou estivação. A sua presença, salvo raras exceções, confirma que as águas da região se encontram livres de poluição. Os **répteis,** animais igualmente ectotérmicos, são facilmente reconhecidos pelas suas escamas que lhes revestem praticamente todo o corpo. Estes, podem ser encontrados neste território sob a forma de **cágados, lagartos, lagartixas, fura-pastos, anfisbénidos e serpentes.**

Em Portugal, sobretudo nas regiões mais frias e montanhosas do Norte e do interior, os répteis passam geralmente por períodos de inatividade invernal que, de acordo com a espécie, condições climáticas e altitude, podem estender-se desde meados do outono até meados da primavera. Segundo estudos sobre **mamíferos** desta

região, através de métodos diretos e sobretudo indiretos, citados no PDM de 2015, foi possível apurar sinteticamente algumas características de espécies de mamíferos que habitam no território de Fornos de Algodres. Entre os mamíferos que habitam a região, embora não observada, **existem estudos que provam a ocorrência de toupeira-de-água** (*Galemys pyrenaicus*). Esta espécie é parente próxima da toupeira comum e é muito importante do ponto de vista da conservação da natureza, devido a ser uma preciosidade do Terciário com uma distribuição que se resume à metade setentrional da Península Ibérica. Um outro mamífero, este observado, foi a lontra (*Lutra lutra*). Esta espécie, assim como a anterior, são consideradas, segundo a classificada pela UICN (União Internacional para a Conservação da Natureza) no seu Livro Vermelho, como espécie vulnerável.

Importa salientar, que as zonas de maior interesse faunístico no território de Fornos de Algodres são aquelas que apresentam cursos de água, como a Ribeira do Carapito (Matança), a Ribeira da Muxagata (Muxagata) e o Rio Mondego, assim como zonas marcadas por manchas de carvalho e de outras folhosas, manchas de coníferas e lameiros. As zonas rochosas também poderão ter interesse para observação de aves de rapina.

Áreas de maior biodiversidade floral

Foram analisadas pormenorizadamente sete áreas consideradas como relevantes no Concelho, tendo sido efetuada a sua caracterização e inventariação florística. São elas a Fraga da Pena, Ribeira da Muxagata, Vale do Mondego, Monte Milho, Vila Ruiva, Serra da Pisco e Serra da Esgalhada, que a seguir se descrevem.

A **Fraga da Pena** encontra-se localizada na localidade de Sobral Pichorro, mais especificamente num pequeno cabeço no topo da vertente Oeste da Ribeira da Muxagata. Neste lugar deparamo-nos com uma interessante diversidade de espécies, como as denominadas pioneiras (plantas que se instalam em locais escassos de solo) e outras representativas de zonas semiáridas. Numa primeira análise às rochas que compõem a Fraga da Pena surgem, em primeiro plano, umas pequenas plantas de folhas carnudas, de flor branca, as arroz-dos-muros (*Sedum arenarium* Brot.), as cravinas-bravas (*Dianthus lusitanus* Brot.) e *Silene* sp. As zonas da encosta, externas às rochas, são dominadas por formações de baracejos (*Stipagigantea* Link.), giestas brancas (*Cytisus multiflorus* (L'Hér) Sweet), *Halimium* sp.

e rosmaninhos (*Lavandulastoechas* L. subsp. *sampaioana* Rozeira). O aroma do rosmaninho misturado com o dos *Halimium* sp. preenchem os odores deste cabeço no início da Primavera. Entre todos estes subarbustos, deparamo-nos com espécies floridas como os narcisos (*Narcissus rupicola* Dufour, *N. bulbocodium* L. ou *N. triandrus* L.), que no início da Primavera timidamente despontam por quase toda a área. Com o avanço da estação, novas espécies de colorida beleza acordam para a vida, enchendo o lugar com novas tonalidades de amarelo, como a *Viola langeana* Valentine, o branco com o cebolinho-de-cor-branca (*Ornithogalum broteroi* Laínz) ou o lilás das campainhas (*Campanula lusitanica* L.).

A **Ribeira da Muxagata** inserida na freguesia que lhe dá nome (*Muxagata*), anteriormente referida como um ponto de interesse faunístico, contém pequenos bosquetes de carvalhos caducifólios (*Quercus robur* L. e *Quercus pyrenaica* Willd), freixos (*Fraxinus angustifolia* Vahl.), amieiros (*Alnus glutinosa* (L.) Gaertn.), salgueiros (*Salix* sp.) ulmeiros (*Ulmus minor* Miller) e pinheiro-bravo (*Pinus pinaster* Aiton) que envolvem a ribeira dotando-a de uma agradável paisagem. Junto destas, encontram-se plantas vasculares, e muitos briófitos e líquenes, quer no solo quer nas próprias árvores (algumas epífitas). Nesta galeria ripícola, para além das espécies já designadas, podemos ainda encontrar o feto-real (*Osmunda regalis* L.), um feto exuberante, de grandes dimensões e de características muito próprias, além de uma grande diversidade de *Ranunculus* sp., açafão-bravo (*Crocus carpetanus* Boiss & Reuter) e miósotis (*Myosotis discolor* Perl e *M. debilis* Pomel).

O **Vale do Mondego**, formado pelas margens do Rio Mondego, encontra-se muito degradado sob o ponto de vista de integridade e coesão botânica. As suas margens, muito íngremes e sem acessos, exibem uma densidade populacional de árvores exóticas, como sejam as muito invasivas e preocupantes mimosas (*Acacia dealbata* Link). No entanto, junto à Ponte Nova e ponte dos Juncais, o cenário transmuta-se para uma apreciável diversidade florística. Nesta zona é possível observar freixos (*Fraxinus angustifolia* Vahl.), amieiros (*Alnus glutinosa* (L.) Gaertn.), ulmeiros (*Ulmus minor* Miller), salgueiros (*Salix* sp.), e ainda algumas exóticas de monocultivo, como os eucaliptos (*Eucalyptus globulus* Labill. subsp. *globulus*). Deparamo-nos também com muitas espécies perenes e anuais, como a borragem-bastarda (*Anchusa arvensis* (L.) Bieb.), *Ranunculus* sp., erva-bicha (*Aristolochia paucinervis* Pomel), arenária (*Arenaria montana* L.) entre muitas outras.

Logo a seguir à galeria formada pelas plantas de porte arbóreo e afastando-nos do rio surgem-nos os matos baixos, composto por giesta-branca (*Cytisus multiflorus* (L'Hér) Sweet), rosmaninho (*Lavandula stoechas* L. subsp. *sampaioana* Rozeira), perpétua-das-areias (*Helichrysum stoechas* (L.) Moench subsp. *stoechas*).

O lugar de **Monte Milho**, situado na Freguesia da Matança, sob o ponto vista botânico, é uma área de diversidade botânica natural e autoctene muito pobre, uma vez que tem sofrido uma intensa intervenção humana. No entanto, dadas as suas características botânicas e proximidade a um dólmen, permite um percurso interessante para as Jornadas de Etnobotânica do Município, onde se pode encontrar pinhais compostos por pinheiro-bravo (*Pinus pinaster* Aiton), aveleiras (*Corylus avellana* L.) e matos baixos. O Monte Milho é também considerada uma zona interessante e aconselhável para a Plantação Aromática e Medicinal enquadrado na Agricultura Biológica de modo respeitar a biodiversidade e a ecologia local.

Na freguesia de **Vila Ruiva**, junto à ribeira que desagua na ribeira de Ôle, existe uma galeria ripícola, constituída sobretudo por freixos (*Fraxinus angustifolia* Vahl.) e carvalho-negral (*Quercus pyrenaica* Willd.). Para além de toda uma série de plantas pertencentes à família Umbeliferae, é possível encontrar uma pequena orquídea selvagem, a erva-língua (*Serapias lingua* L.), característica de lameiros ou outras áreas encharcadas. Apesar de esta área não ter um forte potencial botânico, a estrada que aqui se encontra, até Vila Cortês da Serra, permite a realização de longos passeios a pé, de bicicleta ou com animais.

A **Serra do Pisco**, na freguesia da Muxagata, é do ponto de vista botânico, uma área que exhibe um elevado potencial para posterior exploração turística, podendo até ser a base para um percurso de média dificuldade. Neste local foram encontrados diferentes habitats, onde se observaram zonas de matos altos com giestas-amarelas (*Cytisus* sp.) e matos baixos com muito rosmaninho (*Lavandula stoechas* L. subsp. *sampaioana* Rozeira). Foi também observado um pequeno bosque de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica* Willd.), fustigado por incêndios mas em recuperação, acompanhado por tapetes de arenária (*Arenaria montana* L.) e de rebenta-boi (*Tamus communis* L.). No início da primavera, é possível a observação de narcisos (*Narcissus triandrus* L.), à medida que a estação avança, começam a desabrochar a *Scilla monophyllos* Link., os jacintos-dos-campos (*Hyacinthoides hispanica* (Miller) Rothm) e a *Scilla amburei* Boiss. Ainda na época primaveril, quando as rochas ainda

gotejam água, geram-se pequenos cursos de água sazonal criando as condições ideais para o aparecimento de campainhas (*Narcissusbulbocodium* L.), abeloura-amarela (*Digitalisthapsi* L.), erva-bicha (*Aristolochiapaucinervis* Pomel), *Ranunculussp.*, *Viola sp.* erva-língua (*Serapias lingua* L.). Com o avançar do vale e da cumeda, depara-se com azinheiras (*Quercus rotundifolia* Lam.), pinheiros-bravos (*Pinuspinaster* Aiton), ligados por aveludados tapetes vegetais de cebolinho-de-flor-branca (*Ornithogalumbroteroi* Laínz).

A Mata Municipal da **Serra da Esgalhada**, inserida na vila de Fornos de Algodres, embora que últimos anos tenha sido deteriorada devido à construção de um hotel e reflorestação com pinheiro-bravo (*Pinuspinaster* Aiton), é um elemento fundamental de enquadramento verde do aglomerado urbano na encosta desta vila. Nesta mata é ainda notória a presença do carvalho negral - em maciços de dimensões consideráveis, pinheiro manso e pinheiro bravo (*Pinussylvestris*), sobreiros, tílias (*Tiliaplathyphilus*), oliveiras (*Oleaeuropaea*), castanheiros (*Castanea sativa*) e exemplares de significativas dimensões de eucaliptos (*Eucalyptusglobulus*). Além destas, refira-se a grande presença de espécies arbóreas de folha persistente, como piceas (*Piceaabies*), ciprestes (*Cupressussp.*), cedros e camaeciparis (*Chamaecyparislawsoniana*). Existem no interior do perímetro da mata municipal, equipamentos desportivos, que potenciam a utilização do espaço e que pressupõem condições sustentadas na sua utilização. Importa salientar que o recinto da Mata integra um Projeto de Salvaguarda e Valorização da Serra da Esgalhada, um Centro de Interpretação, circuitos de visita e elementos interpretativos dos valores naturais presentes.

Património Histórico e Arqueológico

Património histórico

Pré-História

A história da ocupação humana no atual território de Fornos de Algodres remonta a períodos pré-históricos (Neolítico), aproveitando de forma eficaz os recursos naturais (fauna e flora) do subsolo e ou das margens das ribeiras e afluentes do rio Mondego

existentes neste território. Esta passagem deixou fortes vestígios dessa ocupação, como são o exemplo das **Antas da Matança e Cortiçô** do povoado da Quinta da Assentada e de vários achados isolados como é o caso de um **machado de pedra polida** recolhido na rasa de Infias por Leite Vasconcelos referido nas “Aquisições do Museu Etnográfico” (Vasconcelos,1897).

A permanência destas comunidades é atestada em épocas mais recentes por outros vestígios arqueológicos. Desde logo os povoados em pontos altos conhecidos como **Castros**, cuja ocupação se comprova através da cultura material e das estruturas de fortificações defensivas que protegeriam os seus habitantes, num período que se julga ter possuído alguma conflitualidade. No Concelho, é possível visitar dois exemplos, o **Castro de Santiago e a Fraga da Pena**. Foram ainda encontrados achados isolados de grande importância histórica, como a **espada do pinhal dos Melos que se encontra no Museu do Carmo em Lisboa**.

Estes povoados fortificados continuam a ser habitados durante a idade do ferro até à romanização.

Época Romana

A época romana, que deu início no século I antes da nossa era, ficou conhecida por “pax romana”. **A conquista romana originou a retirada dos povos situados nos montes altos dos castros**, onde se defendiam das guerras, para as planícies. Aqui, **começaram a dedicar-se à agricultura e pecuária mais moderna dando origem às primeiras quintas e aldeias romanas ou romanizadas**, de onde são originárias as principais povoações do Concelho na atualidade. A ocupação romana findou por volta do século V, altura em que Suevos, Vândalos e Alanos se instalaram.

Idade Média

É na idade média que a história concelhia começa a ganhar contornos que marcaram definitivamente este território até aos dias de hoje. Com a exceção das freguesias além Mondego e de Queiriz, **todo o território era denominado por “terra de Algodres”**. O Concelho de Algodres compreendia 8 paróquias que lhe formavam o termo: Casal Vasco, Ramirão, Cortiçô, Vila-Chã, Muxagata, Fuinhas, Sobral Pichorro e Maceira, a todas elas como é natural, se adicionava o determinativo “de Algodres” (ex. Cortiçô de Algodres; Vila-Chã de Algodres etc...). Deste modo, a vila de Fornos, para se fazer

distinguir de terras com o mesmo nome, adotou o designativo regional “de Algodres”. Já em documentos do século XV, aparece a referência a “Fornos a par de Algodres” ou “Fornos junto de Algodres”, no século XVI e XVII, até à atual denominação, Fornos de Algodres.

O Foral através da carta de Foro ou de Foral foi concedido a Fornos de Algodres em 28 de Maio de 1310 por D. Dinis e mais tarde confirmado por D. Manuel em 1514.

Após o foral concedido a Fornos de Algodres, a evolução do território Concelhio e a autonomia dos concelhos formados, sofreram diversas conquistas e perdas em torno de crises económicas, pestes e guerras instaladas. Passada a crise do séc. XIV, a autonomia de Algodres, Fornos de Algodres, Figueiró da Granja, Matança e Infias parece ser fundamentada por meio de documentação e **pelourinhos quinhentistas**, permanecendo esta reorganização de municípios até 1836/1837.

Do século XIV ao século XX

Ainda no início do século XIV, decorrendo as **invasões Francesas**, a terceira invasão causou a destruição da ponte Nova sobre o Mondego, saques, assassínios, raptos e violência nas aldeias junto ao rio. Contudo, estes foram enfrentados pela **cavalaria 11** junto às margens do rio, tendo sido postos em debandada.

Em 1836, na sequência da Revolução de Setembro, Passos Manuel extinguiu cerca de dois terços dos concelhos portugueses. Por conseguinte, nesse ano, foi criado um Concelho de Algodres, sediado em Algodres, que integrava os antigos concelhos de Algodres, Fornos, Figueiró da Granja, Matança, Infias, Casal do Monte e Penaverde. Pouco tempo depois, a publicação do Decreto de 12 de junho de 1837 refere a passagem da sede do concelho para a vila de Fornos de Algodres, assim como a desanexação das freguesias de Dornelas, Forninhos e Penaverde (que transitaram para o concelho de Aguiar da Beira), ficando apenas a freguesia de Queiriz (que na altura pertencera a Penaverde).

Um dos presidentes da câmara do Concelho da segunda parte do século XIX, mais energéticos e cultos foi António Pedrosa Sousa Coutinho Castelo Branco, natural de Vila Chã. Este, presidiu o Concelho entre 1861 a 1883 e a ele se devem as mais importantes obras dessa altura e a transformação de um concelho atrasado num dos melhores municípios do Distrito da Guarda.

Este, entre outros presidentes da Câmara, levaram a vila de fornos de Algodres, outrora um aglomerados de casebres humildes e rústicos, a uma vila com prédios, praças de comércio, chafarizes e fontes (que datam maioritariamente o Estado Novo) e vias alargadas, entre as quais a estrada de Celorico/ Mangualde, que se revelou de forte importância para o desenvolvimento local.

Outras obras de importância para o desenvolvimento deste território foram, o **Seminário Menor da diocese de Viseu, Seminário de S. José a 1934 e o Externato Marquês de Tomar onde funcionavam, em 1950, os dois primeiros ciclos do ensino.**

Património arqueológico

Com mais de cinco mil anos de história, Fornos de Algodres preserva um distinto **património histórico-arqueológico**, desde os vestígios monumentais e artísticos aos de carácter mais singelo, mas com igual interesse e que marcam a evolução da presença humana na região, desde a Pré-História à atualidade. Assim, **no concelho identificam-se diversas estações arqueológicas que caracterizam várias épocas, a saber: Neolítico, a Idade do Cobre, Idade do Bronze, Romano e Medieval.** Na Tabela 94 são apresentados os vestígios conhecidos no concelho por época em que foram instituídos.

Especificamente, o **Neolítico** ficou caracterizado a nível de património arqueológico, pela construção de **sepulturas coletivas com grandes monólitos de pedra** (esteios) que posteriormente se constituíam câmaras simples ou com um corredor anexo. Estas estruturas eram normalmente envolvidas por anéis de pedra e terra (contrafortes e *tumulus*), que proporcionavam ao monumento um aspeto de pequena colina (mamoia).

Desta época destacam-se, como vestígios mais antigos, os **Dólmenes ou Antas**. Estes tinham uma função essencialmente funerária e religiosa, refletindo a prática do culto dos mortos no seu interior, por vezes decorado com pinturas ou insculpturas abstratas ou cenas da vida quotidiana.

Quanto ao período da **Idade do Cobre ou Calcolítico**, correspondente à segunda metade do V e inícios do IV milénio AC, caracteriza-se por uma intensificação das relações sociais e económicas, pelo crescimento e desenvolvimento de contactos a

longa distância e ainda, por novas atitudes face à prática do poder traduzidas em sociedades em estado embrionário de diferenciação e hierarquização social.

Nesta época, surgem novas sociedades com grau de complexidade bastante variado em posse novos e evoluídos utensílios materiais e tecnológicos, com destaque para a metalurgia do cobre (nem sempre presente), adotando estratégias de povoamento diversificadas. Especial **destaque para o Castro de Santiago, um povoado fortificado da pré-história, datando desta época.** Para além da grande muralha são visíveis vestígios de cabanas que seriam construídas com ramagens.

A Idade do Bronze período, de um modo geral, entre o 2º quartel do IV e meados do III milénio AC., foi marcado pela afirmação de unidades sociais e políticas, ligadas a um território, com uma organização interna centralizada, onde o poder se concentra numa elite e é perpetuado através da hereditariedade.

Foi nesta temporada que se adotaram, a par das tradicionais, novas formas de enterramento e de atitude para com os mortos, **novos utensílios** (formas cerâmicas inovadoras e novas técnicas metalúrgicas, com a produção de objetos em cobre arsenical e bronze), desenvolvimento da atividade artístico-simbólica relacionada com a nova organização social, e novas estratégias de povoamento.

A Fraga da Pena em Queiriz é um exemplo de um importante povoado pré-histórico característico da Idade do Bronze. Esta, apresenta uma imponente estrutura defensiva, onde foi possível encontrar objetos de uso quotidiano (cerâmicas, machados de pedra, pontas de flecha) e de carácter religioso e adorno (pendente de colar e ídolo).

Quanto ao **período Romano**, a inventariação dos vestígios existentes permitiu reconhecer alguns vestígios desta época por toda a área concelhia, nomeadamente **trços de vias romanas e algumas inscrições.** Por sua vez, são também conhecidos outros vestígios, achados isolados, como pedras de aparelho romano (pedras almofadas, capitéis, fustes e bases de colunas), aras, fragmentos cerâmicos ou moedas.

Existem ainda manchas de dispersão de distintos tipos de materiais que revelam locais arqueológicos de ocupação de duração mais prolongada e com diferentes áreas de atividade, o que nos pode remeter para casais ou pequenas povoações.

No concelho existem diversos vestígios rupestres que reportam ao **período Medieval e Moderno**. Retornando a esse período, destacam-se a existência de diversos **vestígios rupestres como as sepulturas escavadas na rocha** (mais comuns), de planta variada e com ou sem antropomorfismo, as quais foram abertas em afloramentos graníticos que pontuam a paisagem um pouco por todo o município. O surgimento destas sepulturas conduz para o período entre os séculos VI/VII e os séculos XIII/XIV, e caracterizam-se por surgirem agrupadas em necrópoles de mais de duas dezenas de unidades, em pequenos núcleos de algumas unidades ou simplesmente isoladas.

Outros tipos de estrutura rupestre que se pode encontrar em vários locais do concelho, e que integram este período, são as **lagariças**, também elas variadas nas suas dimensões e morfologia. Estas lagaretas ou lagariças definem-se como sendo tanques escavados na rocha providos de canais de escoamento. Têm sido interpretadas como lagares, ligados à atividade agrícola, dividindo-se as opiniões entre uma utilização na produção de azeite ou de vinho.

Época	Vestígios conhecidos	Freguesia
Neolítico	Casa da Orca de Cortiço	Cortiço
	Dólmen de Corgas de Matança	Matança
Idade do Cobre	Castro de Santiago	Figueiró da Granja
	Quinta das Provilgas	Infias
Idade do Bronze	Espada do Pinhal dos Melos	Infias
	Fraga da Pena	Queiriz
Romano	Pedras de aparelho romano (pedras almofadas, capitéis, fustes e bases de colunas)	Todas as freguesias, à exceção de Vila Soeiro do Chão e Fuinhas
	Aras, Fragmentos cerâmicos ou moedas	
	Troços de vias romanas e inscrições	
	Necrópole da Tapada do Anjo	Vila Ruiva
	Necrópole das Forçadas	Matança
	Sepultura da Quinta dos Carvalhais	Casal Vasco
	Sepulturas do Casal Vasco	Casal Vasco
	Sepulturas de Cabeços	Vila Chã
	Sepultura do Carvalhal	Muxagata
	Sepultura da Quinta das Moitas	Vila Ruiva
	Sepultura dos Covais	Queiriz
	Sepulturas de Infias	Infias
	Sepulturas da Rasa de Infias	Infias

Medieval/Moderno	Sepulturas das Lameiras	Figueiró da Granja
	Sepulturas Depósito de Água	Figueiró da Granja
	Sepulturas S. Silvestre	Figueiró da Granja
	Sepulturas do Guadial	Queiriz
	Sepulturas do Seminário	Fornos de Algodres
	Lagariça da Estrada da Mata	Vila Chã
	Lagariça da Fonte do Sapo	Maceira
	Lagariça da Quinta das Alagoas	Algodres
	Lagariça da Quinta do Coelho 2	Sobral Pichorro
	Lagariça da Quinta do Coelho 4	Sobral Pichorro
	Lagariça da Quinta do Godinho	Infias
	Lagariça da Tapada	Queiriz
	Lagariça de Maceira	Maceira
	Lagariça de Rancozinho 1, 2 e 3	Algodres
	Lagariça Vila Soeiro	Vila Soeiro do Chão
	Lagariça do Alto de S. João	Algodres
	Lagariça de Queiriz 1 e 2	Queiriz

Tabela 94- Vestígios arqueológicos conhecidos no concelho segundo a época histórica.

Património edificado

Os elementos patrimoniais edificados existentes no concelho de Fornos de Algodres são diversificados e integram construções ou elementos arquitetónicos, desde a Idade Média aos inícios do século XX. Destes destacam-se os elementos de **Arquitetura civil, Capelas, Igrejas e Pelourinhos.**

Alguns destes elementos patrimoniais estão classificados pelo Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), com base nos seguintes critérios de carácter geral (histórico-cultural, estético-social e técnico-científico) e de carácter complementar (integridade, autenticidade e exemplaridade). Outros, por sua vez, foram inventariados pela *Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)* ou pelo Centro de Interpretação Histórica e Arqueológica de Fornos de Algodres (CIHafa).

De seguida, apresenta-se uma lista dos imóveis (Tabela 95), conjuntos edificados e sítios arqueológicos por freguesia, resultante da conjugação de todo o trabalho de investigação no terreno, bem como pesquisa bibliográfica, sobre os elementos em destaque, fornecidos pelo Diretor do CIHafa e pelo representante do Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, I.P. (IGESPAR).

Algodres	
Pelourinho de Algodres	Classificado pelo IPPAR Inventariado pelo <i>DGEMN</i>
Igreja da Misericórdia de Algodres	Inventariado pelo <i>DGEMN</i>
Igreja Matriz de Algodres	Inventariado pelo <i>DGEMN</i>
Brasão, Osório de Castro Cabral e Albuquerque	
Brasão, Osório de Castro Cabral e Coutinho	
Necrópole e Vestígios Romanos, Algodres	
Lagariça Rupestre, Algodres	
Lagariça Rupestre, Quinta das Alagoas	
Sepultura Rupestre, Rancozinho	
Lagariça Rupestre I, Rancozinho	
Lagariça Rupestre II, Rancozinho	
Ara Votiva, Furtado	
Achado Isolado, Ladeira	
Povoado, Quinta da Assentada	
Casal Vasco	
Capela de Nossa Senhora da Encarnação	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Casa da Ínsua	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Casa de Esquina entre a Rua Velha e o Largo Dr. Carlos Nunes	
Núcleo de Sepulturas Rupestres, Refaxo	
Lápide, Ramirão	
Achado Isolado, Quinta dos Carvalhais	
Bica, Quinta do Casaíño	
Sepultura Rupestre, Quinta dos Carvalhais	
Pedras da Forca, Rasa	
Cortiçô	
Casa da Orca	
Sepultura Rupestre e Achado Isolado, Calpedrinha	
Achado Isolado, Quinta do Carvalho	
Achado Isolado, Esporão	
Achado Isolado, Vale Domeiro	
Povoado, Quinta dos Telhais	
Vestígios Romanos, Quinta do Carvalho	
Vestígios Diversos, Cortiçô	
Figueiró da Granja	
Pelourinho	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Capela de São Sebastião	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>

Sepultura Rupestre, Figueiró da Granja	
Sepultura Rupestre, São Silvestre	
Estela Funerária, Figueiró da Granja	
Lavadouro Público, Figueiró da Granja	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Sepulturas Rupestres, Lameiras	
Vestígios Romanos, Torre	
Castro de Santiago	
Achado Isolado, Cortegada	
Fornos de Algodres	
Pelourinho	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Igreja da Misericórdia de Fornos de Algodres / Igreja de Nossa Senhora dos Remédios	Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Igreja Matriz de Fornos de Algodres / Igreja de São Miguel	Inventariado pelo <i>DGEMN</i>
Capela de Nossa Senhora das Dores	Inventariado pelo <i>DGEMN</i>
Escudo de Armas, Fornos de Algodres	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Solar Abreu de Castelo Branco Cardoso e Melo	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Corte Real, dos Morgados de Vale de Palma	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Solar Silva Cabral	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Solar Rebelo da Costa Silva Cabral	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Escudo de Armas, Albuquerque Pimentel e Vasconcelos Soveral	Inventariado pelo <i>CIHafa</i>
Via Romana	
Vestígios Romanos, Fornos de Algodres	
Vestígios Romanos, Seminário	
Achados de Superfície, Fornos de Algodres	
Antigo Posto da Guarda Nacional Republicana	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Jardim do Coreto	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Achado Isolado, Quinta dos Covais	
Sepulturas Rupestres, Portela (Seminário)	
Lagariça Rupestre, Quinta do Godinho	
Vestígios Romanos, Quinta da Bodeira	
Via Romana	
Via Romana	
Ponte da Ribeira	
Fuinhas	

Escola Primária das Fuinhas	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Infias	
Pelourinho	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Igreja Matriz	Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Janela	Inventariado pelo CIHAFa
Sepultura Rupestre, Infias	
Vestígios Romanos, Infias	
Vestígios Romanos, Rasa	
Escudo de Armas, Melo	Inventariado pelo CIHAFa
Sepulturas Rupestres, Rasa	
Povoado, Provilgas	
Solar, Quinta do Casaíño	Inventariado pelo CIHAFa
Calçada de Alpaioques	
Espada, Pinhal dos Melos	
Juncais	
Casa Grande	Classificado pelo IPPAR
Via Romana	
Maceira	
Escudo de Armas, Homem	Inventariado pelo CIHAFa
Lagariça Rupestre, Maceira	
Escola Primária de Maceira	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Lagariça Rupestre, Fonte do Sapo	
Vestígios Romanos, Quinta do Carvalho	
Povoado, Quinta das Rosas	
Achado Isolado, Vale da Vinha	
Via Romana	
Matança	
Dólmen, Corgas	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Pelourinho	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Vestígios Romanos, Matança	

Escola Primária de Matança	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Capela de Santa Eufémia	Inventariado pelo CIHAF
Necrópole das Forçadas	
Achado Isolado I, Forçadas	
Achado Isolado II, Forçadas	
Muxagata	
Solar da Família Melo e Cabral	
Fonte	Inventariado pelo CIHAF
Gravura Rupestre, Muxagata	
Achado Isolado, Muxagata	
Escola Primária de Muxagata	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Sepultura Rupestre, Carvalhal	
Sepulturas Rupestres, Quinta do Albuquerque	
Vestígios Romanos, Tropa	
Achado Isolado II, Tropa	
Escudo de Armas Melo Cabral	Inventariado pelo CIHAF
Queiriz	
Pelourinho	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Sepulturas Rupestres, Guadial	
Relógio de Sol	Inventariado pelo CIHAF
Lagariça Rupestre, Queiriz	
Vestígios Romanos, Queiriz	
Via Romana	
Lagariça Rupestre, Queiriz	
Sepultura Rupestre, Covais	
Lagariça Rupestre, Tapada	
Fraga da Pena	
Casa de Guarda-florestal	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal
Sobral Pichorro	
Capela de Girões	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Capela de Santo Cristo	Classificado pelo IPPAR Inventariado pela <i>DGEMN</i>
Igreja de Nossa Senhora da Graça	Inventariado pela <i>DGEMN</i>

Portal	Inventariado pelo CIHAFA
Lagariça Rupestre	
Vestígios Romanos	
Escudo de Armas, Cunha e Coutinho	Inventariado pelo CIHAFA
Vestígios Romanos, Mata	
Povoado, Malhada	
Lagariça Rupestre e Achado Isolado I, Quinta do Coelho	
Lagariça Rupestre II, Quinta do Coelho	
Achado Isolado III, Quinta do Coelho	
Vila Chã	
Sepulturas Rupestres, Cabeços	
Achado Isolado, Vila Chã	
Escola Primária de Vila Chã	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séx. XX em Portugal
Lagariça Rupestre	
Vila Ruiva	
Necrópole e Vestígios Romanos, Tapada do Anjo	
Sepulturas e Lagariça Rupestre, Quinta das Moitas	
Rochas Gravadas, Corujeira	
Vila Soeiro do Chão	
Sepulturas e Lagariça Rupestre, Vila Soeiro	
Escola Primária de Vila Soeiro do Chão	Identificado no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal

Tabela 95 - Lista dos Imóveis, Conjuntos Edificados e Sítios Arqueológicos por freguesia, classificados pelo IPPAR, Inventariados pela DGEMN e CHIAFA e Identificados no inquérito à Arquitetura do Séc. XX em Portugal.

Roteiro arqueológico de Fornos de Algodres

De modo a ser divulgado e salvaguardado o património arqueológico de Fornos de Algodres, **encontra-se estruturado um roteiro arqueológico municipal**, permitindo-lhe exercer o seu papel na formação e consolidação da memória coletiva e da identidade da população local. **Este roteiro foi idealizado pelo CIHAFA – Centro de Interpretação Histórica e Arqueológica de Fornos de Algodres, também responsável pela sua dinamização.**

Quanto ao número de locais a visitar incluídos no roteiro, é um número limitado, dado que a sua escolha obedeceu a três critérios, considerados de forma interativa. A saber: ser representativa, isto é, abranger todas as épocas de que existam vestígios; tomar em conta o estado de conservação dos vestígios e as condições de acesso dos mesmos; e, por fim, a sua integração na paisagem.

Assim sendo, com base nos critérios anteriormente apresentados, selecionaram-se os seguintes locais:

- A – Infias: Inscrição romana na fachada da igreja;
- B – Quinta das Alagoas: lagariça escavada na rocha;
- C – Dólmen de Cortiçô;
- D – Necrópole das Forçadas: sepulturas escavadas na rocha;
- E – Dólmen da Matança;
- F – Furtado: ara romana no interior da igreja;
- G – Lameiras: sepulturas (3) escavadas na rocha;
- H – Castro de Santiago: povoado calcolítico fortificado;
- I – Fraga da Pena: povoado da Idade do bronze;
- J – Necrópole de Vila Ruiva: sepulturas escavadas na rocha.

Este percurso poderá ser realizado de A a J, ou subdividido em duas etapas, sempre com partida e chegada a Fornos de Algodres, visitando os pontos de A a F ou de G a J.

Os dois sub-percursos abrangem áreas geomorfológicas distintas:

- O primeiro desenvolve-se na área planáltica entre a escarpa de falha da Barroca e da vertente média da ribeira da Muxagata (a Leste) e o vale da ribeira do Carapito (a Oeste);
- O segundo abrange as escarpas de falha da Barroca e da vertente média da Muxagata e os vales bem encaixados das ribeiras de Cortiçô e Muxagata, cursos de água que aproveitaram acidentes tectónicos. Na margem sul do Mondego, observa-se uma topografia menos acidentada e menor altitude.

Posto de Turismo

O Posto de Turismo de Fornos de Algodres está situado na Urbanização Zona Sul, nas instalações do CIHAFa e encontra-se em funcionamento de 2^a a 6^a feira das

09:00 às 12:30 e das 14:00 às 17:30, aos sábados e domingos encontra-se em funcionamento das 9:00 às 13:00 e das 14:00 às 17:00.

Constitui um posto de informação turística concebido como um centro de acolhimento ao turista. Como principais funções tem a promoção do concelho, o acolhimento do turista e visitante, a dinamização da oferta turística e a promoção de eventos locais. A informação fornecida, a localização, as características do espaço e a oferta de variados serviços contribuirão para que o Posto de Turismo de Fornos de Algodres seja uma montra turística do nosso concelho.

Alojamento/Unidades Hoteleiras

Considerando os dados recolhidos por inquérito pelo INE, em 2014, e considerando apenas 3 estabelecimentos hoteleiros, dos quais 2 hotéis, é apresentado na tabela seguinte vários elementos caracterizadores dos mesmos. Estes estabelecimentos hoteleiros têm uma capacidade de alojamento para 373 pessoas, e em 2014, totalizaram 9.925 hóspedes, 18.868 dormidas com 1,9 de média de dias de estadias. Desta ocupação hoteleira, obteve-se uma proveito de 689 milhares de euros. A tabela subsequente evidencia os dados comentados sobre o Município, assim como sobre as NUTS III, II e Portugal.

	Fornos de Algodres	NUTS III	NUTS II	Portugal
Estabelecimentos hoteleiros (nº)	3	108	685	3.578
Hotéis (nº)	2	27	272	1.121
Capacidade de alojamento (nº)	373	5.701	47.065	342.497
Hóspedes (nº)	9.925	335.180	2.498.106	17.301.622
Dormidas (nº)	18.868	529.800	4.486.949	48.711.366
Estadia média	1,9	1,6	1,8	2,8
Proveitos (milhares €)	689	23.962	189.026	2.285.896

Tabela 96 - Permanência de hóspedes e outros dados na hotelaria, no Município, NUTS III, NUTS II e Portugal, 2014. – Fonte: INE, Inquérito à permanência de hóspedes e outros dados na hotelaria

O gráfico que se segue apresenta a comparação da Taxa líquida de ocupação-cama nos estabelecimentos hoteleiros e da Proporção de hóspedes estrangeiros entre o Município e as NUTS III, II e Portugal. A sua análise gráfica demonstra que, **tanto os valores da Taxa líquida de ocupação-cama nos estabelecimentos hoteleiros como a Proporção de hóspedes estrangeiros do Município, são muito inferiores às regiões comparadas.**

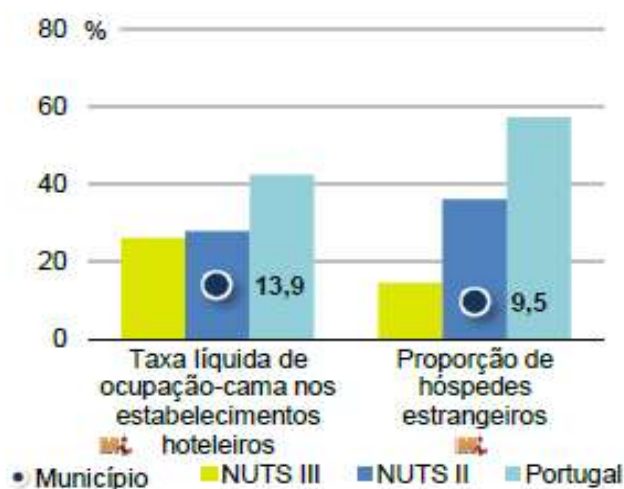


Gráfico 64 – Taxa líquida de ocupação-cama nos estabelecimentos hoteleiros e Proporção de hóspedes estrangeiros no Município, NUTS III, NUTSII e Portugal, 2014. – Fonte: INE, Inquérito à permanência de hóspedes e outros hóspedes e outros dados na hotelaria.

No nosso concelho existem **18 unidades de alojamento, sendo que 2 delas trata-se de Unidades Hoteleiras**, o "Palace Hotel & SPA **** - Termas de S. Miguel" e o Inatel de Vila Ruiva Hotel ****. Os restantes alojamentos são **espaços de Turismo em Espaço Rural**.

De seguida segue-se uma pequena descrição de cada um dos alojamentos, especificando a sua localização, características gerais e contactos para informação e reserva.

Nome	Classificação	Localização	Características gerais	Informação e reservas
Palace Hotel & SPA **** Termas de S. Miguel	Hotel	Serra da Esgalhada 6370- 183 Fornos de Algodres	122 Quartos, 23 Suites e 1 Suite Presidencial totalmente equipados, SPA, Piscina aquecida interior, Ginásio, Bar, Restaurante, Salas de reuniões, WI-FI e Parque de estacionamento privativo	271 700 130 E-mail: geral@termasdesaomiguel.com
INATEL de Vila Ruiva Hotel ****	Hotel	6370-401 Vila Ruiva Fornos de Algodres	32 quartos totalmente equipados, Bar, Restaurante, Piscina, Sala de reuniões, Sala de jogos, Biblioteca, WI-FI e Parque de estacionamento privativo	Telef - 271 776 015/16 Fax - 271 776 034
Casa Grande de Juncais	Turismo Rural	Largo do Terreiro, nº 1 - 6370-332 Juncais Fornos de Algodres	Solar de granito do séc. XVI, 11 Quartos decorados à época, Capela, Dois pátios interiores e Jardim	Telef - 271 709 580 Móvel - 962 586 140 E-mail: geral@casagrandedejuncais.com URL: http://www.casagrandedejuncais.com
Quinta dos Carvalhais João Pina Gomes Sociedade Agro Turística, Lda	Casa de Campo Agroturismo	6370-382 Sobral Pichorro Fornos de Algodres	2 Apartamentos(T1 e um T2 c/ 4 assoalhadas), Piscina exterior, Jardim, Churrasco, Terraço, Parque infantil, WI-FI e Parque de estacionamento privativo	www.quintadoscarvalhais.com geral@quintadoscarvalhais.com.pt 964 703 712 pina.gomes@sapo.pt www.quintadoscarvalhais.com.pt
Quinta da Laje Alta	Casa de Campo Agroturismo	6370 Fornos de Algodres	Habitação Rural (T1)	271 709 176
Quinta de Metildes	Casa de Campo Agroturismo	Confronta com Cortiço e Figueiró de Granja 6370-041 Fornos de Algodres	Habitação Rural (T4)	938 351 661 271 701 181
Casa da Fonte Maria Leonor Saraiva Ferrão C. Seara Cardoso	Alojamento Local	Fornos de Algodres	6 Quartos com estilo clássico e paredes de pedra, Cozinha, Churrasco e WI-FI	919 808 874

Quinta do Mineiro Peter Ernst Paul Ossing	Alojamento Local	6370-352 Matança Fornos de Algodres	Habitação Rural em estilo rústico típico, Jardim, Churrasco, Terraço, WI-FI e Estacionamento privado	http://www.booking.com/hotel/pt/quinta-do-mineiro-matanca.pt-pt.html
Casa da Várzea de Vila Soeiro do Chão	Casa de Campo	6370-411 Vila Soeiro do Chão Fornos de Algodres	Quinta de Turismo Rural, 4 Alojamentos: 1 casa isolada, 2 quartos com Kitchenette, espaço independente com quarto e águas furtadas, Piscina exterior e Terraço	966 124 645 celsomcastro@gmail.com
Solar dos Pedroso João Castro Ferrão		6370-039 Vila Chã	5 quartos: 2 quartos duplos, 1 suite, 1 suite standard, WI-FI e Estacionamento privativo	www.solardospedrosos.pt solardospedrosos@gmail.com
A Velha Padaria	Casa de Campo	Largo da Carreira, nº34 6370-353 Matança Fornos de Algodres	Habitação de turismo rural, 3 quartos: 2 com cama de casal, 1 com 4 beliches, decoração rústica, paredes de pedra exposta e WI-FI	967 449 832 sofiabotlopes@homail.com www.ruralidades.net
Solar dos Cáceres	Casa de campo	Praça Dr. Carlos Figueiredo Nunes 6370-021 Casal Vasco	Solar do séc. XV, 8 quartos duplos, Bar, Piscina exterior, Jacuzzi, WI-FI e Parque de estacionamento gratuito	232 423 497 232 421 412 solardoscaceres@gmail.com
Hostel ENTRYFIK	Hostel / Turismo social	6370-341 Maceira	23 camas em camarata, Cozinha, Sala de estar e Sala de jantar	271 789 817 associacao.maceira@sapo.pt

Tabela 97- Alojamento/Unidades hoteleiras do concelho de Fornos de Algodres.

Artesanato

Artesanato Regional

Fornos de Algodres é caracterizado pela grande variedade de objetos e peças artesanais com função decorativa, fabricando-se ainda, produtos com função utilitária, largamente comercializados nas feiras que se realizam quinzenalmente na sede do Concelho.

Nos Postos de Venda de Artesanato, em Fornos de Algodres para além da **olaria**, **pintura**, **dos trabalhos de latoaria à cestaria**, poderão ser encontradas **rendas e**

bordados em tecidos de algodão e linho, tapetes e carpetes de arraiolos, bem como o **calçado tradicional** desta região - os tamancos. Em Fornos de Algodres é ainda possível apreciar o fabrico deste tipo de calçado, visitando a tamancaria do Sr. José Flôr.

Arte tão característica desta região é a **latoeira**, pela sua importante função na produção de recipientes próprios e indispensáveis ao fabrico do queijo. Esta arte é praticada, ainda, em Juncais, em Fornos de Algodres e em Figueiró da Granja, contudo em vias de extinção.

Os **cestos de vime**, vulgarmente utilizados para transportar os queijos e outros produtos regionais para os mercados locais são igualmente produzidos artesanalmente na freguesia da Matança, existindo em diversos tamanhos e formatos.

Quanto à **gastronomia local** é de destacar algumas produções tradicionais bastante apreciadas, como o **queijo da serra e requeijão** fabricados em queijarias certificadas do concelho. A **broa e o pão centeio** são também distintos e representativos de Fornos de Algodres, sendo que os seus cereais são farinados nos moinhos situados na ribeira de Carapito, e no rio Mondego, e confeccionados em fornos comunitários, existentes em quase todas as freguesias. Outro elemento distinto do concelho é o **azeite de qualidade excepcional**, sendo a sua azeitona criada nas encostas e vales expostos ao sol e protegidos dos ventos e geadas.

Quadro Resumo – Meio Ambiente e Turismo

Património Natural

Fauna e Flora de Fornos de Algodres

- O território do Concelho de Fornos de Algodres apresenta três elementos que foram, há muitos anos atrás, determinantes para a ocupação humana: o Rio Mondego, a sua rica paisagem e ainda o seu solo.

- A irregularidade de **relevo** resulta em encostas marcadamente mais quentes (49%), viradas a sul e poente, e encostas mais frias (15%) a norte, e outras sem exposição característica (16%).

- Do ponto de vista geológico, Fornos de Algodres é constituído essencialmente por formações de origem granítica com pequenas manchas, a norte, de formações xistosas e quartzíticas.

- Relativamente à **rede hidrográfica** de Fornos de Algodres esta apresenta-se, de um modo geral pouco densa: Rio Mondego; Ribeiras de Carapito, Muxagata e Cortiçô

Ribeira de Linhares

- Em todo o território é possível a distinção de diferentes **habitats**: florestas e matas, matos, prados, zonas húmidas, áreas rochosas, zonas artificiais (terra arada e plantações florestais) e vegetação exótica (acácias).

- **Diferentes espécies animais** podem ser observadas, a saber: Aves de montanha; Anfíbios; Répteis; Toupeira-de-água e a lontra.

- **Zonas de maior interesse faunístico**: Zonas Marcadas por cursos de água, como a Ribeira do Carapito, a Ribeira da Muxagata(Muxagata) e o Rio Mondego; Zonas marcadas por manchas de carvalhal e de outras folhosas, manchas de coníferas e lameiros e Zonas rochosas também poderão ter interesse para observação de aves de rapina.

Áreas de maior biodiversidade flora

- Foram analisadas sete áreas consideradas como relevantes: Fraga da Pena; Ribeira da Muxagata; Vale do Mondego; lugar Monte Milho (Matança); Vila Ruiva; Serra da Pisco (Muxagata) e Serra da Esgalhada.

Património Histórico e Arqueológico

- Fornos de Algodres preserva um importante património histórico-arqueológico, desde os vestígios monumentais e artísticos aos de carácter mais singelo, mas igualmente importantes, que marcam a evolução da presença humana na região, desde a Pré-História à atualidade.

- Como marcas históricas-arqueológicas do Concelho, apresentam-se, com especial destaque, as seguintes: Dólmens e Antas da Matança e Cortiçô; Povoados, Castro de Santiago e a Fraga da Pena; Espada do pinhal dos Melos; Pedras de aparelho romano (pedras almofadas, capitéis, fustes e bases de colunas), aras, fragmentos cerâmicos ou moedas; Sepulturas escavadas na rocha; Necrópoles e Lagariças.

Património edificado

- Os elementos patrimoniais edificados existentes no concelho de Fornos de Algodres são diversificados e integram construções ou elementos arquitetónicos, desde a Idade Média aos inícios do século XX. Destes destacam-se os elementos de Arquitetura civil, Capelas, Igrejas e Pelourinhos.

Roteiro arqueológico de Fornos de Algodres

- Fornos de Algodres oferece a possibilidade de realizar um roteiro arqueológico municipal idealizado pelo CIHafa, de modo a ser divulgado e salvaguardado o património arqueológico de Fornos de Algodres.

- Durante o percurso podem ser visitados diversos vestígios históricos como: Lagariças, Necrópole, dólmens, sepulturas, povoados e inscrições romanas.

Posto de Turismo

- O Posto de Turismo de Fornos de Algodres está situado na Urbanização Zona Sul, nas instalações do CIHafa e encontra-se em funcionamento de segunda a domingo.

Alojamento/Unidades Hoteleiras

- No nosso concelho existem 13 unidades de alojamento, sendo que 2 delas trata-se de Unidades Hoteleiras, o "Palace Hotel & SPA **** - Termas de S. Miguel" e o Inatel

de Vila Ruiva Hotel ****. Os restantes alojamentos são espaços de Turismo em Espaço Rural.

Artesanato

Artesanato Regional

- Olaria, pintura, dos trabalhos de latoaria, cestaria, rendas, bordados em tecidos de algodão e linho, tapetes e carpetes de arraiolos, bem como o calçado tradicional desta região - os tamancos.

- Queijo da serra e requeijão fabricados em queijarias certificadas do concelho, a broa, o pão centeio e o azeite de qualidade excepcional.